

DOSSIÊ TEMÁTICO

ZAMI: Notas sobre lesbianidade negra na diásporaAline do Nascimento Aguiar¹

Resumo: O presente ensaio tem como meta abordar aspectos da lesbianidade negra, que foi renomeada como Zami. São explicitados estereótipos raciais em relação a lésbicas negras, violências em decorrência do racismo e lesbo-ódio bem como as potências criadoras de lésbicas negras por meio da literatura em território brasileiro. Os aportes para esta construção textual vão da teoria lésbica negra e latina, oferecidos tanto pelo curso de pensamento lésbico quanto pelas encruzilhadas da vida, passando por autobiografia e poesia

Palavras-chave: Lésbicas negras, teoria lésbica, poesia lésbica negra

ZAMI: notes on black lesbianism in the diaspora

Abstract: This essay aims to address aspects of black lesbianism, which has been renamed Zami. Racial stereotypes regarding black lesbians, violence due to racism and lesbo-hatred are explained, as well as the creative powers of black lesbians through literatura in brazilian territory. The contributions to this textual construction range from black and latin lesbian theory, offered both by the course of lesbian thought and by the crossroads of life, including autobiography and poetry.

Keywords: Black lesbians, lesbian theory, black lesbian poetry.

Introdução

*ser luana barbosa
 ser stela de oxossi ser
 aline formiga ser louise queiroz
 ser martins, poliana; botelho, denise;
 dara ribeiro, moara, oléria, sales, da silva,
 nascimento, quiangala, dos santos, pereira, oliveira,
 hipólito, ganzala, ferreira, grimm,
 ser tantas ser muitas ser todas
 isso é sobre uma
 ser
 toda
 ela mesma
 isso nunca foi só sobre
 "ser duas"*

¹ Estudante de graduação em História pela Universidade Estadual Paulista. Também sou um sapatão preto e poeta usando o apelido de formiga ou formigão para assinar minhas escritas literárias. Email: aguiaralinedon@gmail.com.

*(aviso: isso não é um poema,
é uma lembrança; não é só lembrança,
é um aviso: isso também é sobre a herança
de quando Oxum seduz Iansã
mas é muito muito muito
mais)
nunca foi sobre ser "só duas",
ser par. isso é sobre
sermos
um
m a r
isso é sobre ser uma consigo
"a lésbica, a inviolável"
viragofancharoçonasandália
caminhãobutchstudsapa-tão
isso é sobre ser uma consigo
quando eles tentam tanto
que sejamos nem uma
quando eles tentam tanto
inexistir a gente
isso é sobre sermos todas
exatamente
como
cada
uma
quer
y é. aviso: isso
é sobre
ser.*

Tatiana Nascimento (2018)

O presente ensaio visa refletir sobre escrevivências de lésbicas negras da diáspora africana na América, com maior ênfase na experiência brasileira, por meio de aportes teóricos oferecidos no curso de extensão Pensamento Lésbico do ano de 2018, bem como outras contribuições intelectuais de lésbicas negras e latinas que foram encontradas em outras caminhadas intelectuais, amorosas e ativistas.

O jeito que a chicana de cor que ama mulheres escreveu seu texto sobre mestiçagem Gloria Anzaldúa vai ser uma base estética para tecer o meu texto, também composto por autobiografia, poesia e teoria. Uma menção visual a mestiçagem dentro de como a escrita é apresentada. Mesmo sendo um trabalho acadêmico me sinto à vontade para imprimir oralidade neste texto também porque antes de tudo é um ensaio ativista sobre entender nossos corpos marginais em uma sociedade branca da necropolítica e suas potências de vida e cura a partir de tecnologias ancestrais.

Meu ensaio é sobre Zami, que é como Audre Lorde define lesbianidade negra na diáspora. Eu gostaria de falar de mim para escurecer sobre meu lugar de fala. Sou um sapatão masculino, nascido e criado no extremo sul da zona sul de São Paulo num bairro periférico, pele parda, 28 anos contrariando as estatísticas, estudante de história e poeta marginal de vulgo



formiga ou formigão. Minha família bastante branca e mestiça eu nasci não branco, encardido, café com leite, mais leite que café, pardo. Essa experiência de racialidade de aparente não lugar é reforçada pela experiência de preconceito de classe social onde a polícia militar e o segurança do shopping sabe que sou pobre pelo encardido da minha pele, leio essa vivência, ou melhor sobrevivência como estilhaço de racismo. Outros quinhentos a corporalidade das lésbicas pretas retintas, só que no Brasil a gente divide estatísticas parecidas de pretos e pardos com o maior índice de desemprego, por exemplo. Apesar da minha corporalidade mestiça somos o mesmo povo resistindo ao racismo, a criminalização da pobreza, e ao lesbo-ódio. Por isso me aproprio dessa afirmação de Cheryl Clarke para auto definição:

Eu nomeio a mim mesma lésbica porque quero ser visível para outras lésbicas negras (...) Eu chamo a mim mesma 'negra', também, porque negra é a minha perspectiva, minha estética, minhas políticas, minha visão, minha sanidade. (CLARKE, 2013).

Nossos passos vêm de longe não é um chavão é convicção sobre nossa ancestralidade suas várias tecnologias. O afeto e sexualidade Zami tem memória antes da cruel travessia do Atlântico. Em sua tese de doutorado, Tatiana Nascimento dos Santos (2014) vai pensar tradução de lésbicas negras e o espelho de Oxum como um objeto não da vaidade mas do reconhecimento para autoconhecimento enquanto lésbica negra, autora nos conta um conto de Oxum com Iansã, que eu, enquanto poeta Formiga, gostaria de fazer aqui nesse texto uma versão poética do itã Oxum seduz Iansã a partir de minha leitura de Reginaldo Prandi (2001):

Oxum viu Iansã e achou mol gata essa preta
E falou
Mano vou da ideia
Fez de tudo pra chamar atenção
Iansã mais na dela pá mas
Akabou fikando afim também
Oxum pegadora keria
Fikar kom outras pessoa
Aí Iansã foi cobrar a fita
Oxum kom medo ke Iansã é brava
Saiu a milhão e se jogou no rio
Onde ela mora até hoje tio
(FORMIGA, 2018).

Nascimento dos Santos, vai nos dizer como é curioso que Oxum é reconhecida por sua fertilidade, mas não é reconhecida pela história lésbica que a levou a morar no rio. Um ponto importante para a gente pensar como o hétero, cis, patriarcado, racista colonial tem apagado

Vol. 02, N. 04, Out. - Dez., 2019 · www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh

nossas histórias orais e trabalhado para invisibilidade de nossos corpos operando os estereótipos e orquestrando o genocídio da população negra, também, nos corpos sapatão.

Os estereótipos de lésbicas negras como foi mencionado por Almeida (2008), são a “lady” como a estética feminina hiperssexualizada como a "mulata gostosa" e o que ela nomeia como “fancha” seria a lésbica de estética masculina. A partir desse estereótipo de masculinidade negra incutido pelo prisma do racismo como um sujeito suspeito, perigoso, associado a criminalidade lésbica negra fancha, ou bofe, ou caminhoneira, ou sapatão, corre inclusive risco de vida em nossa sociedade. Luana Barbosa dos Reis, vulgo Luan, sofreu assassinato na cidade de Ribeirão Preto interior de São Paulo Brasil, por causa do rótulo preconceituoso contra sapatões pretos.

Há uma disputa de narrativa onde lésbicas e bissexuais demandam a memória de Marielle ora como bissexual ora como lésbica, mas é inegável o fato de que Marielle é símbolo de luta para diversas lésbicas negras. Em diálogo com Alessandra Tavares, que é socióloga, mulher negra e periférica, bissexual, ativista feminista, também residente do extremo sul da zona sul de São Paulo, me disse: “a morte de Marielle representa a morte de um projeto político”, e prossegue explicando que “a morte de Marielle é um simbolismo da morte de nossos acessos à espaços de poder como a universidade e a política, em que nossos corpos pretos e favelados estavam começando a acessar”.

A noção de Norma Mogrovejo (2015) aponta que a colonização na América foi racial porque foi contra os pretos da terra, sexual porque foi dado por uma série de estupros contra mulheres indígenas e heterossexual porque o homem indígena foi catequizado e por meio do cristianismo submeteu a mulher indígena é importante ser lembrada para pensarmos estruturas de poder branco que fundaram o Novo Mundo, que nos impactam até os dias atuais, pois sobrevivemos em uma sociedade onde impera como poderes branquitude, heteronormatividade e sexismo. Está lógica pode ser pensada também com a colonização dos africanos na diáspora na América, pois os processos de violência racial e sexual são parecidos. Cheryl Clarke vai analisar com seu corpo negro a resistência lésbica em uma sociedade da supremacia branca, patriarcal e masculina:

Ser lésbica em uma cultura tão supremacista-machista, capitalista, misógina, racista, homofóbica e imperialista como a dos Estados Unidos é um ato de resistência - uma resistência que deve ser acolhida através do mundo por todas as forças progressistas. Não importa como uma mulher viva seu lesbianismo - no armário, na legislatura ou na recâmara. Ela se rebelou contra sua prostituição ao amo escravista, que corresponde à fêmea heterossexual que depende do homem. Essa rebelião é um negócio perigoso no patriarcado. Os homens de todos os níveis privilegiados, de todas as classes e cores possuem o poder de atuar legal, moral e/ou violentamente



quando não podem colonizar às mulheres quando não podem limitar nossas prerrogativas sexuais, produtivas, reprodutivas, e nossas energias. A lésbica - essa mulher que "tomou uma mulher como amante"¹ - logrou resistir o imperialismo do amo nessa esfera de sua vida. A lésbica descolonizou seu corpo. Ela rechaçou uma vida de servidão que é implícita nas relações heterossexistas/heterossexuais ocidentais e aceitou o potencial da mutualidade de uma relação lésbica - não obstante os papéis. (Clarke, 1988, p.99).

Clarke vai compreender a existência lésbica como um ato de resistência por se rebelar contra seu amo, que é o sujeito que está no topo da hierarquia homem branco, cis, heterossexual, da classe a, de hoje e descendente dos mestres donos de escravos de ontem. É um risco viver como lésbica negra nessa sociedade, mas também é um ato de resistência e um ato de erotismo. Erotismo pode ser no sentido lordeano da palavra que é fazer o que produz gozo, não necessariamente algo sexual, mas que, pra mim, é o conjunto de afeto, sexualidade, comunidade e intelectualidade, são experiências de prazer que eu luto porque merecemos e precisamos ter.

Em Canções de amor e dengo no texto A mulher consagrada a Iemanjá Cidinha da Silva, lésbica negra da literatura brasileira com maior produção em prosa nos traz beleza e emociona também com a poesia:

Amada
 Não procure poemas teus
 Nesse cascalho de bobagens minhas
 Enquanto te amei
 Confesso
 Não escrevi poemas a ti
 Ocupada demais estive
 Em ser feliz
 (SILVA, 2016)

A poesia de Cidinha da Silva supracitada nos brinda com sua beleza explicitando negritude por meio de prática de religião de matriz africana ao fazer referência a uma yabá logo no título. Posteriormente seu eu-lírico avisa a sua querida, que em sua obra poética não é possível de ver, o que em minha interpretação demonstra o quanto a grande poesia não foi feita com palavras dispostas em versos e sim o quanto a grande poesia foi a ação do amor.

Faço aqui minhas reverências as Zamis escritoras Tatiana Nascimento e Cidinha da Silva, que trazem exemplos de como a cena literária tem pensado lesbianidade negra fora do “paradigma da dor”. O poema de Nascimento posto para abrir o ensaio já evidencia que lesbianidade negra é sobre ser, sobre ser livre, sobre sermos muitas e lembrar da memória preta mitificada, onde na minha poesia a resume com uma oralidade de pretuguês paulistano. Silva expõe a afetividade amorosa sendo nítida de negritude e lesbianidade.



Ainda nos dias atuais enfrentamos uma dura realidade de violências coloniais cometidas contra lésbicas negras no Brasil, onde resistimos ao lesbo-ódio e ao racismo do cotidiano e enraizados nas estruturas institucionais do Estado. Contamos com instrumentos intelectuais de denúncia da dor infringidas por opressão, mas também somos capazes de demonstrar nossa humanidade desmistificando estereótipos e nos visibilizando de modo positivo como bem ostenta a literatura produzida por lésbicas negras na diáspora brasileira, reintegrando a posse da nossa capacidade de contar nossa própria história, rememorando e comemorando nossa ancestralidade e tecendo a narrativa que queremos, que é do direito à vida, visibilidade, ao gozo e afetividade.

Referências

ALMEIDA, Gláucia; HEILBORN, Maria Luiza. Não Somos Mulheres Gays: Identidade Lésbica na Visão de Ativistas Brasileiras. **Gênero**, Niterói, v. 9, n. 1, p.225-249, 2008

ANZALDUA, Gloria. La Conciencia de la Mestiza: rumbo a una nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p.704-719, dez. 2005

CLARKE, Cheryl. El Lesbianismo: Un acto de resistencia. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (ed.). **Esta Puente, Mi Espalda: Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos**. San Francisco, California: Ism Press, 1988. Cap. 2. p. 99-107

_____. Novas notas em lesbianismo. **Apoya Mutua**. 26 jul. 2013. Disponível em: <https://apoiamutua.milharal.org/2013/07/26/por-que-me-nomeio-lesbica-por-cheryl-clarke/>. Acesso em 23 nov 2017.

FORMIGA. **Versão poética de Oxum seduz Iansã**. Página na rede social Facebook Poeta Formiga. Facebook: Poeta Formiga. 21 dez. 2018. Disponível em: https://mobile.facebook.com/story.php?story_fbid=2221198974591757&id=1759815764063416&_rdc=1&_rdr Acesso em 22 dez 2018.

LIMA, Fátima. Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. **Cadernos Gênero e Diversidade**. v. 04, n. 02 - Abr./Jun., 2018

LORDE, Audre. Uso do Erótico: Erótico como poder. In: LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. São Paulo: Autêntica, 2019. p. 67-74. Tradução de Stephanie Borges.

_____. **Zami una biomitografía Una nueva forma de escribir mi nombre**. La editora San Cristobal, Madrid. 2009.

MOGROVEJO, Norma. Las cuerpas lesbianas y la geopolítica del placer. **Norma Mogrovejo**, 25, jun. 2015. Disponível em: <http://normamogrovejo.blogspot.com.br/2015/06/las-cuerpas-lesbianas-y-la-geopolitica.html> Acesso em 21 dez 2018.

NASCIMENTO, Tatiana. (...) **Ser Luana Barbosa ser Stella de Oxossi (...)**. 22 de fev. 2018.
 Facebook: @palavrapreta. Disponível:
https://web.facebook.com/palavrapreta/posts/1229085993890192?_tn=-R&_rdc=1&_rdr. Acesso em:

Cuírlombismo Literário: poesia negra e lgbtqi desorbitando o paradigma da dor. N
 1 Edições, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. Editora Schwarcz S.A. São Paulo. 2001.

SANTOS, Tatiana Nascimento dos. **Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos** / Tatiana Nascimento dos Santos; orientadora, Luciana Rassier – Florianópolis/SC, 2014. 185 p.

SILVA, Cidinha da. **Canções de amor e denço**. Me Parió Revolução, 2016.

TAVARES, Alessandra. **Conversa informal na Caminhada lésbica e bissexual** de São Paulo de 2018.

Recebido em: 20/11/2019

Aceito em: 20/12/2019